

QUINTA-FEIRA
Lisboa--27 de Outubro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

75

sempre
five
semanário
humorístico

Alameda Sr.
Ex.º Sr.
Kol de Alvarenga
Rua Brito Cape!

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINA
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Água encanada e inquinada



—Vem contar a água?
—Não, senhora, venho contar os bacilos. Se acusar mais de 3.000 por centimetre cubico, tem de pagar o excesso.



Os ditos da semana



A Imprensa Nacional tomou a iniciativa de publicar uma edição popular dos *Luziadas*, em portuguez do poeta Afonso Lopes Vieira, porque, pelos modos, o portuguez de Camões, não estava lá muito bom. Vamos, pois, ter uns *Luziadas* de costa arriba, o que ao poeta Lopes Vieira se torna muito facil, desde que móra na Costa do Castelo. O *Sempre Fixe* faz votos porque a desapareição dos erros de gramatica do poeta maximo, não prejudique a beleza da obra, e que o poema se mantenha sadio e fresco como a sardinha da costa, para que nem as proprias cinzas de Camões se sobresaltem, julgando presentir moiro na costa.

Outra louvavel ideia é aquella de publicar na nova edição o retrato de Camões, pertencente á collecção Carvalho Monteiro, acompanhado de um estudo do sr. dr. José de Figueiredo.

Sobre este ponto, o *Sempre Fixe* permite-se lembrar a conveniencia de dar o retrato tal como se encontra, sem sofrer nenhuma especie de retoque ou restauro, para evitar complicações de futuro, e para que os vindouros não tenham dificuldade em reconhecer o épico.



Por varias vezes tem o *Sempre Fixe* dirigido os seus remques á Companhia das Aguas, mas sempre o tem feito com o grande espirito de justiça que é seu timbre. Assim timbrasse o sr. Carlos Pereira em fornecer agua aos consumidores, cujas linguas, na epoca da estiagem, andam estendidas e sequiosas, como a da girafa do Jardim Zoológico, em busca de refrigerio.

Mas a Justiça é a Justiça. O *Sempre Fixe* não ha de deixar passar em claro uma calunia que, nem por ter partido do papá *Diario de Lisboa*, pôde ficar sem protesto:—Afirmar, embora pela boca do sr. dr. Veiga e Sousa, que a agua do Alviela contém 3.000 bacilos

por centimetro cubico, é um exagero que cai pela base.

Não ha ninguem que seja capaz de acreditar na possibilidade de meter dentro dum dedal de agua, 3.000 bicharocos de qualquer tamanho ou categoria.

Per muito hydrolobos que os bichinhos fossem, sempre beberiam a agua necessaria para que dentro da medida só ficassem bichinhos e desaparecesse a agua. Não. Não é possivel. Mas ainda é mais impossivel que qualquer vereador seja capaz de cocar tanto bichinho, por mais dedicação e boa vista que haja demonstrado, tanto mais que,

segundo temos ouvido, os microbios são parentes próximos do bicho do pecego, que nunca pára um instante.

O vereador a contal-os e eles a dançarem o *Charleston* dum lado para o outro, era de fazer avariar a cabeça mais bem organizada.

Pois se ninguem era capaz de fazer a mesma experiencia com outros bicharocos de tamanho mais avantajado, como se ha de acreditar que o sr. dr. Veiga e Sousa tivesse vista e paciencia para tanto.

O *Sempre Fixe*, pelo menos, só se dará por convencido, quando vir o illustre vereador proceder á experiencia de

contar trez mil ratos, que também são bichos vivos e também são microbios do queijo.



Anuncia-se a mudança da capital de Angola de Loanda para o Huambo, que, para esse efeito, passaria a chamar-se Nova Lisboa.

E' o que se chama uma medida succulenta.

As colonias não progridem, pela mesma razão que algumas pessoas não engordam—porque teem um órgão deslocado, um rim fóra do seu lugar, ou a espinhela caída.

A razão invocada para a mudança é de convencer toda a gente. Os estrangeiros, especialmente alemães e belgas, teem-se infiltrado na região do Huambo, constituindo um grave perigo para a nossa soberania, e é preciso vigial-os. A unica maneira de o conseguir, é ferrar-lhes com uma capital ali mesmo nas bochechas.

Noutros tempos, quando se desconfiava de uma pessoa, punha-se-lhe um policia á perna; agora edifica-se-lhe uma capital á porta da cosinha.

Seguindo na mesma ordem de ideias, ha muito que fazer. Porque a infiltração de ingtezes é enorme na Madeira torna-se urgente transferir para lá a capital do paiz, mudando concomitantemente o nome da cidade do Funchal para Novissima-Lisboa. Porque a influencia chinesa é formidavel em Macau, muda-se a seguir para lá a capital, depois de expurgado o perigo da Madeira. Nesse caso, a capital, deveria chamar-se MUITISSIMO-NOVISSIMA-LISBOA. E quando a invasão de galegos em Lisboa ameaçasse também a soberania nacional, a capital regressava de novo á metropole com a designação de AINDA-MAIS-MUITISSIMO-NOVISSIMA-LISBOA.

E, pronto, estava salva a Patria, com a vantagem de se ir ganhando alguma coisa nos trespasses.

O pior é que os exercitos inimigos já estão ás portas de Bisancio.

Luiz Derouet

(Organizador da Primeira Exposição de Ex-libris)



O dedo de Derouet nitidamente impresso na Imprensa Nacional! Além de divulgar tanta obra d'arte, praticou uma obra de Misericórdia: ensinou os ignorantes para quem a palavra ex-libris era um enigma. Que lh'o agradeçam, como o *Sempre Fixe* agradece o saboroso remedio espiritual que Derouet lhe ministrou em papelinhos.

CANÇÃO NACIONAL

Fado de Setubal

Mote

Setubal, velha cidade,
quando ha peixe, canta o fado...
Na inspirada verdade,
Rainha do Rio Sado.

Glosas

Quem quizer ter o ensejo
de viajar por desfastio,
basta atravessar o rio
e olhar além do fejo.
Tais encontros de sobejo
encontra, na realidade,
que o simbolo da virgindade,
nas laranjeiras em flor,
tem, pelo culto do amor,
SETUBAL, velha cidade.

As sardinhas afamadas
são ali tão abundantes
que até co'o nome de Nantes
é vulgar serem crismadas...
Sai de velas esfumadas,
com o mar chão ou picado,
o barco p'lo Céu guiado
e o pescador com fé
ri das endas e até,
quando ha peixe, canta o fado...

Entre rimas caprichosas,
Setubal guarda o peñhor
dum afamado cantador,
repentista em finas glosas.
Cantou-as tristes, jocosas,
alegres e com saudade...
De uma tal mentalidade,
que a «luta» o immortalizou!
Nenhum outro o imitou
na inspirada verdade.

Nesta cidade pequena,
nasceu TODI, a grande actriz
que, segundo a historia diz,
foi uma gloria da scena.
De mordaz e altiva pena,
foi berço privilegiado
do BOUAGE, o inspirado
que a Fama levou á meta.
Terra dum grande poeta!
Rainha do Rio Sado!

José Barbosa.

O Machadinho

Não se trata do celebrado chefe da
culinaria da barraca da Feira d'Al-
cantara, mas sim do não monos cele-
brado actor Carlos Machado, que fez
as delicias de Lisboa com o papel do
Chico das Pêgas, aquele fadistinha
simpatico que era uma especie de bor-
boleta no pateo das Osgas. E um dia
a borboleta emigrou. Passados anos,
porém, saudosa dos sitios que a
atraiam e onde tantas saudades dei-
xara, voltou e de novo ali a tomos.

E' na quinta-feira, 27, no teatro
de S. Luis, que ressurge o Machadi-
nho, sem bons vinhos nem petiscos,
mas com a sua garganta de pura ne-
ve e aquela alegria, graça e elegancia
que são o segredo da amizade e sim-
patia que todos que tem o prazer
de conviver com ele lhe tributam. De-
ve ser nessa noite um verdadeiro favo
de mel a sala do S. Luis, a transbor-
dar de amigos sempre fixos.

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magníficos almoços á Franceza

JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic
(especialidade)

Escolhido café

Escolhida frequencia

Nova Paineleida

OU

A guerra dos paineis

Sala dos reservados da Biblioteca

(Continuação do numero anterior)

De subito, estalam as estantes, ouve-se um arrastar de correntes e Frei Francisco de Santa Maria materializa-se dentro da gaiola de vidro do chefe da sala.

Frei Francisco de Santa Maria:

Eh! gentes vis, sem brio e sem vergonha,
Que vindes perturbar-me o eterno sono,
Tocados de má peste e de peçonha
De todos diabos do inferno.
Quem ousa aqui tocar, perros gafados
Na douta e boa infante Catelina?
Esquartejado eu seja em mil bocados
E não chegue a alcançar graça divina
Se os paineis por Luciano estragados
Não são da propria infante Catelina.
E como quereis vós lér documentos
Em letra quinhentista, arvezada,
Se nem chegam sequer vossos talentos
Para empreza mais facil e apocada,
Se dentre vós, que andais a presumir,
Não ha nenhum sequer
Que saiba distinguir
O homem da mulher?
Ou julgais, porventura, que n'outr'ora
Havia Adelaidinhas como agora?

Maximo Identificador de Figueiredo, falando a custo, como se costuma dizer, com papas na lingua:

Mas, por mercê, dizei-me, e bem azinha,
Se por vós foi traçada aquela carta,
Porque mestre Loureiro de Alpedrinha
E toda a gente para ali está farta
De negar que ela seja verdadeira.

Frei Francisco de Santa Maria, rubro de indignação:

Mas quem julgais que eu seja? Imaginais
Que trouxa eu sou, ou sou Freire d'Andrade,
Para cair na asneira
De a mandar escrever ao Alpedrinha,
Que diz que tem uma real geiteira
P'ra letra mui antiga e miudinha,
Como disse ao Custodio Zé Vieira?
Ah! não! A carta fi-la eu sósinho,
Que eu sou rata sabida e muito velha
P'ra deixar fazer ninho atrás da orelha
E inda levar co'os pratos no focinho.
Isso é bom para o Pita,
Que depois de já ter a carta escrita,
Até a final e derradeira linha,
Com bondade infinita,
A levou ao Loureiro de Alpedrinha!
A carta fi-la eu, a carta é minha.
E agora vou-me embora, volto ao nada,
Que mais vale mil vezes ser defunto
Do que melido andar nesta embulhada,
Com gente desta raça e tal bestunto
Que vê tudo ás avessas, tudo torto.
Antes ser frade, antes ser burro ou morto.

Desaparece.

FIM

Abel Moreno.



—Mas para que queres tu um po-
licia?
—Ora essa, para me levar a mi-
nha mulher... de carro... e de graça.



—Olha, Chico, a Mimi comprou
um automovel.
—Ela sempre gostou de viver mui-
to depressa.



O Tivoli, depois das gaffes de Gi-
ria Swanson na *Madame Sans-Aucune-
Gêne*, que indignaram as novas-ricas
das frizas, formadas em civilidade e
obiqueta, mudou para os dotes coreo-
graficos que Lily Danita Quadrada
adquiriu com a D. Encarnacion Fer-
nandez. S. ex.ª começa a não degenerar
da patria-ama, dando-nos uma
boa criação na *Borboleta Doirada*.
Precedia a interessante peliçola, *O
Tumulo dos Amantes*, com a Loatrice
Joy de cabelo á escovinha e o Burns
outra vez crismado para Edmund. Eu
já conhecia a americanice, a france-
sice e a chatice; não conhecia ainda
a egípcio. Foi-me apresentada, mas
não tive prazer nenhum em conhe-
cê-la. Aquilo dos faraós, despertado
do seu secular *faraó*, a fazorem hie-
roglifos nas piramides de cada um
podrá ser muito fotografico, mas está
a pedir uma maldiçoesinha do Osiris...
Esta semana temos o Adolphe Men-
jon muito bem vestido, *De Casaca e
Luva Branca*, a criar cavalos e a ar-
ranjar dividas para agradar á Virgi-
nia Valli, por intermedio da Louise
Brooks, porque, como a *Valentine*
entre ses petits pelons, ses petits té-

RETAR-
DADOR.

tons, son petit menton... (pumi)
elle... é fait... Irisee comme un mon-
ton! Ali se prova que os bigodes são
para as occasões e que o *habit* não
faz o *Menjon*.

O mesmo succede com a companhei-
ra, *A Virgem do Harem* que, quando
um sub-titulo afirmou que o beijo é
o melhor tempero na panela do amor
(sic), um espectador, justamente irri-
tado, exclamou:

—Ora cebolas... do Egipto! (*sic...
transit gloria mundi*).

E se não fosse Grete N'sson—uma
Greta norueguesa—o *jeune premièr*
Sojin, desempenhando o califa, juro
qu'ali fazia-se um orien...tal barulho
que a fita ia parar a Sant...harem!

O Odéon ensinou-nos *Como se faz
um Heroi*. Agradecemos a receita,
mas o George K. Arthur bom se po-
de ir despir porque, vestido de va-
queiro, não tom graça.

Segu'a-se um filme cujo titulo, na
boca do Erico Braga, soia um para-
doxo: *A Trindade Maldita*. Lon
Chancy, o homem das mil e quarenta
e duas oaras—o não mil, como se soe
dizer—além da sua cara-metade, é um
ventriloquo capaz de rivalizar
com o *Caballero Castillo*. Aquella sea-
na do *dá-me o chapu!* é maravilhosa.
Mãe Busch apanha uma lam-
parina que fica *embuschada*, o que a
não impede de ir muito bem, e Matt
Moore aguenta-se no balauço, enquan-
to o publico dorme a sono solto.

E agora temos *Mare Nostrum*.
Rex Ingram meteu-se a fundo a me-
ter no fundo os modelos reduzidos dos
navios da novela de Blasco Ibañez.
Arripia.

Antonio Moreno está cada vez mais
novo e trabalha que nem um urso; o
que o compensa é a ternura de Alice
Terry, que não *refrepa*...Talberg os
seus anfitriicos impetos, mesmo na
super-presença do marido-escenador.
Aquella graça de fusilar o publico é
que é muito forte.

Retardador.

Elevador da Gloria

Em Lisboa não se perde outra coisa senão chaves. E' lér os jornais—cheio de chaves e chavões. Um homem fecha a mulher á chave, perde esta e, quando volta ao lar, já o encontra aberto. Guarda cuidadosamente o dinheiro dos outros, num cofre á prova de fogo o de desconhecido segredo. Passados meses, o segredo desapareceu, o dinheiro também, e o homem acha-se completamente inocente fechado á chave, na Boa Hora, por se ter descuidado com a dele. Isto já não é chave; é gazua.

Com as mulheres—o caso ainda é pior. Com facilidade perdem as chaves dos maridos e trocam as voltas ás fechaduras. Ha quem as queira especiais, inglesas, pequeninas e chatinhas, exactamente como as meninas da moda. São tão facéis de guardar como de perder. Cabem em todas as algibeiras e não fazem volume. São silenciosas, entram sem ruido na fechadura. Mas esta tem um defeito—e ser especial, especialissima, inglesa também.

Como somos muito patriotas, a velha chave do ferro, grande, com varios dentes, só para uso proprio, está ainda na moda. Não importa que peze, na algibeira—porque vale quanto peza. E' vulgar a esposa dizer, quando o marido sai:

—Levas a chave? Não a percas, hein! Olha se te enganas no trinco...

Estes cuidados são absolutamente naturais e aconselháveis. Os homens tem tanto em que pensar, andam tão preocupados com a vida, que é vulgar enganarem-se nas fechaduras domesticas, quando tresnotados. Os mais prudentes usam corrente e só querem cadeado. Parece que é o melhor sistema. A chave não foge, condenada á prisão perpetua, e o cadeado, embora ferrugento, conhece-a tão bem que logo se abre á primeira volta.

Emfim, o antigo sempre é o melhor. Mais barato, mais solido—e para toda a vida! Isto dum cidadão perder todos os dias a chave é muito feio. Acaba fatalmente por pedir emprestada a do visinho.

A NOVELA DO "FIXE"

Uma aventura triste

Eusebio corteja sistematicamente todas as criadas que caíam sob a sua alçada patronal. Não porque o mova qualquer intuito menos honesto. Não! Eusebio, apesar da grande fama de fêmeiro que o celebra em todo o bairro da Graça e adjacentes, venera acima de todas as paixões o santificado lar conjugal.

Ha uma imperiosa razão que o leva a tal procedimento: Eusebio tem muito má bôca.

Embora pareça não ter nada a bôca com as sopeiras, explica-o ele do seguinte modo:

—Não vês tu que, captando eu as simpatias das minhas garças, sirvo-me delas para conseguir um grande partido. Sopeira que eu corteje, faz-me todas as vontadinhas—culinarias, é claro. E' um consolo: a comida bem temperadinha, variada, bem apresentada, etc., etc.!

Mas o homem põe e Deus dispõe, e alguma vez o Eusebio se havia de sair mal.

* * *

Além da esposa, D. Plácida, conta a familia de Eusebio com mais um illustro membro, fruto dos seus amôres, um granjão de 16 anos, que ha dois meses passou no 2.º ano dos liceus, sem esperanças de maior cometimento além do 3.º chumbo.

Mas vamos ao caso.

Rosinha, elegante sopeirinha de 22 anos, entrou na passada semana ao serviço dos Eusebios. Pródiga em encantos fisicos, tem uma completa negação para a arte culinaria. Eusebio, logo no dia da sua estreia, declarou a greve da fome. Era absolutamente intragavel a comida temperada por elle. Atribuiu elle o caso a que a pequena estivesse talvez contrafeita, daí o resolver pôr em acção a sua costumada *tactica*. Todas as occasões em que D. Plácida abandonava o seu posto na cozinha, evacuava elle o escriptorio e tomava-a de assalto. Conquistada a praça, procurava os mais insignificantes pretextos para *escaramuçar*:

—Então, Rosinha, está satisfeita por servir nesta casa?

—E o que terá você com isso?!

Intervenção das *potencias*—era D. Plácida.

E Eusebio levantava prudentemente o cerco, não viesse alguma *peça* da *bateria* de cozinha ofender-lhe a integridade fisica.

Dois ou três vezes a scena se repetiu sem mais consequencias.

* * *

Os olhares de Rosinha e Eusebio on-

travavam-se vezes sem conta, cavaqueando mudos, embriagados de prazer. Emfim, a coisa ia-se complicando, mas a comida continuava inabsorvente para o requintado paladar do desgraçado.

Como lhe está vedada a entrada no Conselho de Familia, encontrava-se impossibilitado de reclamar, e a sua vez não passava além de passiva. Daí o resolver captar ainda mais as simpatias de Rosinha.

Pensou, pensou, e resolveu o decisivo plano de ataque—uma emboscada á Rosinha. Era preciso ser decidido!

Chegado a casa, colocou-se atrás da porta da casa de jantar e esperou a passagem dela.

Sentiu passos... Um vulto avançou para a porta... e Eusebio, sem mais explicações, zás, ferra-lhe um *chôchol*!

—Oh seu grande patife, seu refinadissimo malandrão. Que fazia você aqui escondido? Para quem era o beijo que você me papegou?

D. Plácida perdera a sua placidez e serenidade. Eusebio, verde e azul, vermelho e amarelo, desejava antes um tremor de terra. Mas ali! a terra não tremia, o chão não se lhe abria debaixo dos pés! E D. Plácida, alucinada, prosseguia:

—Seu perjuro! Eu bem desconfiava que você não tinha boas ideias na criada... Ai, que estou desgraçada! Elias, meu filho, a tua mãe é uma infeliz, o teu pai um canalha! Ai! ai! que eu vou desmaiar...

* * *

Elias, abandonando as matematicas e fisicas, correu para a mãe, que aguardava que alguém a amparasse, para desmaiar. Eusebio raspou-se por um lado, Rosinha por outro.

Elias, carinhoso, procurava sossegar a mãe que, recuperando os sentidos, invectivava Eusebio:

—Teu pai perdeu a vergonha, Elias. Teu pai era amante da Rosa, dessa feduncia, meu filho. E ele fugiu... fugiram os dois... Que exemplo para ti, uma criança... Ah! desgraçado! que me desgraçaste também!

Elias, então, numa tirada tragica, shakespeareana, de olhos esbugalhados, cara pasmada e parva, inquiriu da mãe:

—Meu pai amante da criada? Mas quê, minha mãe... é verdade isso. Então eu... sim, tire-me desta duvida... Ciga-me... então eu... eu... sou filho da criada, minha mãe?...!

Xico Ximenes.

PROSA DE CHA VELHO

Com as primeiras gôtas de agua, foram-se as ultimas gotinhas tauromaquicas. E não se justifica a imprevidencia dos empresarios, preferindo fechar as portas a fechar as praças, cobrindo-as, pondo-lhes tecto. Os senhores estão a vêr a tranquilidade dos toureiros ante a certeza de que não havia chuva nem raio que os partisse, isto é, que não havia perigo de suspensão nem perda de dinheiro, que lá suspensos deviam eles estar sem que nós perdessemos nada com isso. A diabêtes do Segurado melhorava logo com a doce serenidade de poder arranjar corridas sem que a agua as desarranjasse, e perdia em assucar o que ganhava em dinheiro, que tudo é ganhar, ainda que pareça paradoxo. A Protectora, a essa, sim, que lhe aumentava o assucar!

A Marcial Artistica podia ser artistica todo o ano sem necessidade de occupações menos artisticas durante o inverno. E o «Manel», mais o «Rodrigo», que também é «Manel», passavam a ser inteligentes todo o ano, em vez de o serem apenas nos domingos veraneantes e alternadamente.

E as lindas festas que se podiam dar no Campo Pequeno e nos outros campos tauromaquicos, ainda que mais «pequenos»! Pelo Natal, armava-se um lindo presépe tauromaquico, daqueles que o Segurado «arma» em Algés. Nas palhinhas punha-se o Manuel Matias e arranjava-se um jumento e uma vaca para o ladearem e recordarem a sua aprendizagem de toureiro equestre; depois vinha um daqueles touros corridos que o Segurado tem, e zás, corria com tudo!

E no dia de Reis, e mesmo nos dias em que reina mais frio, que reinação, que lindas festas taurinas, ali debaixo de telha!

* * *

Não querem? Preferem passar a noite de sabado a olhar para as nuvens e a sofrer entorses no pescoço? Pois continuem e não se queixem de perder negocios tão bonitos como o dos Charros Mexicanos, que, para muita gente, sofreram mais com a agua do que com o Jerez, isto é, sofreram mais com a chuva do que com o desastre sofrido na terra do vinho. Que, afinal, parece que não perdemos nada com a ausencia dos «charros».

Aqui para nós: os «charros» são uns grandes charros que se limitam a atirar o laço com cartaz de «rejonadores», quando não passam de «montadores».

Em nós é que eles se não montaram!

Perez la chaise.

Modos de vida

Modo facil de vida

Modo de vida facil



Mulheres que vendem patos



Mulheres que se vendem aos patos

O meio bilhete

Num dos comboios para Vila Franca viajavam dois amigos. Um deles tinha o seu bilhete, mas o outro, que tinha conseguido iludir a vigilância do porteiro, não o trazia.

No trajecto, disse ao amigo: —Isto agora é que vai ser bonito! Eu não tenho bilhete...

—Não faz mal,—diz-lhe o companheiro—tu dá-me metade do valor dele, pagas-me meio litro e eu cá arranjo as coisas... Serve o negocio?

—Lá isso serve, mas como? —Não te importes, faze o que eu disser e, se não vier o revisor, deixa o caso por minha conta.

Chegados a Vila Franca, o amigo que tinha o bilhete foi na frente, mas, ao chegar á porta, desandou a correr como um gamo pela estrada fóra.

O empregado, ao vê-lo fugir, começou a correr atrás dele, assim como o amigo e varios passageiros. Um policia de serviço no fundo da rua tolheu-lhe o passo, ao tempo que o empregado, esbaforido, chegava junto dele e dizia ao guarda:

—Prenha-me esse homem, que viajou sem bilhete.

—Com que então, querias viajar de borla, meu melro—dizia um dos passageiros que lhe ia no encalce.

—O' espertalhão!—dizia outro.

—Leve-m'o para a esquadra, dizia o empregado.

—Qual para a esquadra, qual capuçal! Eu tenho bilhete. Quer vê-lo? Está aqui...

E mostrou o bilhete.

—Então porque é que você ia a fugir?

—Algun crêdor!—disse uma mulher do grupo.

—Qual crêdor! Eu não devo nada a ninguém. Eu vinha a correr para o meu medico. O sr. dr. José Pontes receitou-me que fizesse muito exercicio, principalmente quando estivesse muito parado, e eu com a saude não quero brincadeiras.

—Mas, che lá—diz-lhe o policia —Não lhe meteu confusão toda esta gente a correr atrás de si?

—A mim, não. Eu disse de mim para mim. Olha: aqueles tambem foram ao José Pontes e ele receitou-lhes o mesmo. Ele ha tanta gente com a mesma doença...

E o empregado, não lhe sabendo responder, recebeu o bilhete e disse para o policia:

—Deixe-o lá, se calhar é maluco! Daí a momentos, entrava num tascão com o amigo para lhe cobrar o meio bilhete combinado e beber o meio litro.

Bom negocio



—Olha, Joaquim, se estiveres oito dias sem te embobedar, dou-te uma nota de vinte, das novas.

—O' filha, antes quero uma do cem, das velhas...

O que vai ser a epoca teatral

Vai entrar o inverno e, com ele, vai a epoca teatral entrar tambem em plena actividade. Anunciam-se programas complicados, elencos dispendiosos.

E' todos os anos assim. As companhias multiplicam-se a olhos vistos, as celebridades enxameiam, só os repertorios, salvo uma ou outra excepção, caem numa miserrima vulgaridade. Dizia-me, ha dias, uma pessoa autorizada que este ano vamos ter nada menos do dezaseto companhias dramaticas! Todas elas, com figuras maximas, actuarão em Lisboa e nas provincias. O que estão é baralhadas, por completo. Artistas que nunca saíram dos processos rígidos da declamação, vão cantar couplets e dançar pavanas. Actores e atrizes de teatro musicado passarão a representar tragedias de Shakespeare.

O bairrismo invadiu agora a scena: Mouraria, Bairro Alto, Madragôa e Arco do Cego. Pessoa bem informada diz nos que Matos Sequeira e Nogueira de Brito estão já saturados de tantas revivencias da cidade e, como essas reconstituições nem sempre teem sido felizes, trabalham numa grande tragi-comedia-revista que se intitulará Lisboa. A grande dificuldade da representação é o espaço. Pensa-se em dar o espectáculo nos areas da Junqueira. A tragi-comedia-revista terá tantos quadros quantas as ruas de Lisboa. Todas dirão de sua justiça. E algumas muito teem que dizer. O que dirá, por exemplo, a Triste Feia, depois da peça de Rui Chianca com Ester Leão? A rua do Vigario como justificará certas tranquiernias politicas? A rua da Vinha parece que terá

um dos ma's importantes papeis. Virá de braço dado com a do Loureiro para simbolizar o ditado: «Num lado o ramo de loiro, em outro vende-se o vinho».

Um dos quadros mais curiosos passa-se no bairro Camões. Este quadro é particularmente interessante porque as ruas veem vestidas á moda do seculo XX, embora Camões tivesse vivido no seculo XVI. A rua do Infante D. Henrique e a de S. Vicente mandam cantar á dos Cegos uma cantiga muito conhecida, com o mote «Vê e crê como S. Tomé», e em que o autor dos paineis tão discutidos se ri da comissão, que nem mesmo assim chega a qualquer conclusão sobre o documento.

A apoteose final desta peça representa uma assembleia goral da Associação dos Arqueologos, em que se vê o sr. D. João Freire de Andrade coroadado de rosas pelo genealogista Henrique Loureiro, que tras, em memoria de Santa Catarina, a tradicional roda de navalhas, para simbolizar a lealdade da discussão.

Entretanto, Alfredo França, seguramente petulantemente o seu monologo, escreve com a tinta com que Fr. Francisco de Santa Maria escreveu o celebre documento da Biblioteca Nacional, mais um canto para a sua Paineleida, que é actualmente o poema épico dos paineis.

E acaba a peça com a canonização de Luciano Freire, que arranhou, com o seu restauro, tamanho sarilho, porque se esqueceu de assinar as taboas.

Um lisboeta.

“Rua dos Capelistas”...



—Póde Vossencia ceder-me cinco minutos de atenção?

—A vinte por cento não tenho inconveniente nisso...

BOM HUMOR

—José, leva imediatamente esta carta ao seu destino.

—Está chovendo e não tenho guarda-chuva, minha senhora.

—Melhor, muito melhor. Quando chove e não se tem guarda-chuva, anda-se mais depressa...

Na praia:

—Então, Julio, não tomas banho?

—Não! A mamã proibiu-me.

—O que tem isso?! Ela não o saberá...

—Sabe... sabe... é hoje o dia de eu tomar banho em casa...

—E o Jorge?

—Estou decidida a casar-me com ele. E' o unico homem que conheço de que me divorciarei sem saudades...

—Toma lá, mamã! Aqui tens o teu dirheiro...

—Mas esse dinheiro era para comprares estampilhas... O que fizeste tu ás cartas?

—Deitei-as na caixa do correio, sem que ninguém me visse...

—Doutor! Diga-me a verdade sobre o estado de saude de minha mulher. Estou preparado para o pior...

—Pois bem... Está completamente restabelecida...

Na caça:

—Por acaso viu passar por aqui algum animal?

—Esta manhã, é o senhor o primeiro que passa...

—As Sousas mudam-se.

—Que penal! Agora que começava a dar-me com elas...

—E' exactamente por isso que se vão embora...

—Nunca peças dinheiro emprestado ao João. E' um usurario. De inverno empresta a 50 0/0 e de verão a 60...

—Porque leva olo mais juro de verão?

—Porque os dias são maiores...

O vialante longinquo:

—Estou desolado, querida esposa! Não te ponde trazer o macaco que tanto me pediste.

A esposa, muito terna:

—O que é que isso me incomoda, uma vez que to tenho aqui?..

—Venho de enterrar o meu medico.

—Até que enfim. Podes viver tranquilo...

NOTAS...



—Ai! Miquelina, que notas tão tristes!

—Deixa, filho, o piano vai para o régio e vêem de lá notas alegres.

CARTA ABERTA AO SR. DR. ELOY

Desventuras de um D. Juan

Sr. Director:—Existe no Porto um Figaro que podia, não heroificar um novo personagem de teatro, mas escrever ele proprio uma obra teatral das quo se colam aos cartazes e ficam para sempre na Historia da Literatura. Esse barbeiro possui, realmente, a boça do génio... Os seus livros—ele é um publicista de reconhecido merito—esgotam-se rapidamente. As suas frases tocm lamina afiada—e as suas criticas deixam a epiderme das suas vitimas melhor escaanhoadas do que a dos seus clientes.

Numa das suas ultimas obras—*Confissões ancestrais dum barbeiro da Rua de Cedofeita*—colhi o seguinte pensamento: «O coiffeur é o ditador do século XX. Nem Mussolini, nem



Primo de Rivera, nem Rykor torão a vitoria absoluta porque nunca passaram pela Universidade Pratica duma Barbearia ou Cabelheiro. Em politica, eles não passam de egoistas giletticos (de Gillette).

Ora bom. V. ex.^a, sr. director, voio até certo ponto dar razão ás teorias do Barbeiro-Escritor. O sistema de pelar as cabeças dos meninos do sexo-capilé foi o primeiro passo dado sobre o terreno filosofico do mestre-escama.

Mas—se v. ex.^a me permite uma observação—o sentido com que v. ex.^a emprega o seu sistema é que está errado; e, pelo menos, duma restrição que o inutiliza. V. ex.^a limita-se a escarpelar os meninos do terceiro

sexo com objectivo de os castigar. Era preciso que v. ex.^a o fizesse no sentido de os estigmatizar, de prevenir, contra eles, os cidadãos ingenuos—e que alastrasse esse processo a todos os «indefinidos»—dos quatro sexos em que a Humanidade está actualmente dividida...

Eu me explico.

Tenho vinte e cinco anos e, como «portuguezinho valente» que me prozo de ser, desde os quinze que dedico três quartas partes do meu tempo a conquistar corações femininos. Eu não tenho culpa de ser bonito...

Ora bom... Esta sagrada missão que eu cumpria religiosamente, em obediencia ao preceito do «cresceci e multiplicai-vos», ora bastante facil até ha pouco tempo—e, no pior dos casos, as consequencias não iam além de uma bofetada da dama resistente ou de uma modicão das costas pelo sistema metrico-caceteiro empregado pelo pai ou marido da ultrajada. Mas esse «contra» era muito evitavel, ag'ndose com prudencia e observando-se primeiro a «donzela» ou a «dama» que nos servisse de alvo.

Agora, não... Agora é quasi impossivel evitar uma «gaffe» ou um «desaire».

Vou citar-lhe alguns exemplos. Na semana passada, andava eu no humanitario trabalho de segurar com as costas um predio da rua do Ouro, que ameaça ruina, quando vejo passar uma senhora, baixinha, redondinha, muito pintadinha, vestida á ultima moda dos ateliers da Père, Ida., de Paris, provocadora, uma tentação... Era logico... Fui-lhe na pougada... Pesquei-lhe o olho... Convidei-a, ao ouvido, para a *matinée* do Tivoli... De subito, a matrona que acompanhava a donzela, apercebe-se da minha perseguição e, parando, berra, escandalosa:

—Seu malandro!!! Seu sátiro!!! Nem sequer respeita as crianças. Dirigir propostas deshonestas á minha filha, que ainda não fez dez anos!

Eu fugi, envergonhado... Estava prestes a cometer um crime sádico. E porquê, sr. director? Porque as

meu'as, agora, desde os dez anos que se maquilham, se carminam, se vestem (ou se despem) e nos olham e se caricoteiam com as mulheres já feitas.

Mas ha mais... No dia seguinte, estava eu á porta do «Tavares», á espera que desembarcasse na Rua do Mundo algum provinciano para me pagar o almoço—quando dou com uma senhora, aparentando-nas vinte e cinco a trinta anos, ainda airosa, juvenil, vaporosa—uma verdadeira Minerva, a transparentar-se pela diafanidade das sedas que a fingiam vestida... Observei-a bem... Não havia duvida... Já tinha alcançado a idade official do amor... Não havia perigo de novo desastre...

Ao lado dela, seguia uma velhota respeitavel... Com toda a prudencia, abri o fogo dos galanteios... Mas, ao dobrarmos a esquina da Praça de Camões—eis que a velhota desata a gritar:

—Seu insolente! Meter-se assim com uma senhora de idade!

Julgando-me vitima dum equivooco, expliquei-lhe que não era a ela, velhota, que eu me dirigia, mas sim á outra dama.

—Esta dama—declarou-me a velha—é minha mãe... Tem setenta e cinco anos e por isso devia ser respeitada e não insultada por um fedelho como o senhor...

Vá lá ser-se juiz numa causa destas!

Jurei, a partir desse dia, não tornar a fazer rapapés fosse a quem fosse, sem a certeza de não cometer qualquer *gaffe*. E tanto assim que só ante-ontem recomencei a minha actividade de D. Juan.

Foi no Terreiro do Paço... Atrás da estatua, em muda contemplação para o cavallo de D. José, surpreendi uma donzela, absolutamente *fausse maigre*, com um chapéu a deitar para vinho tinto, um *tailleur* que lhe moldava o busto gentil—e umas saias até aos pés e amforadas, como as que eram da moda das nossas avós...

—Ali está uma pequena *ancien régime* que despreza as imoralidades da

nossa época—observei para com os meus botões.—Deve ser sériasinha e quem sabe se desta aventura nascerá o meu casamento?

Acerquei-me da senhorinha, rondei-a, pisquei-lhe o olho... Ela ruborizou-se um pouco, fez um dongoso movimento com a cabeça—e sorriu-se... Encorajado, levei os labios aos arredores do ouvido e segredei-lhe:

—Posso acompanhá-la?

E, ela, de olhos baixos, as mãos entrelaçadas, murmurou:



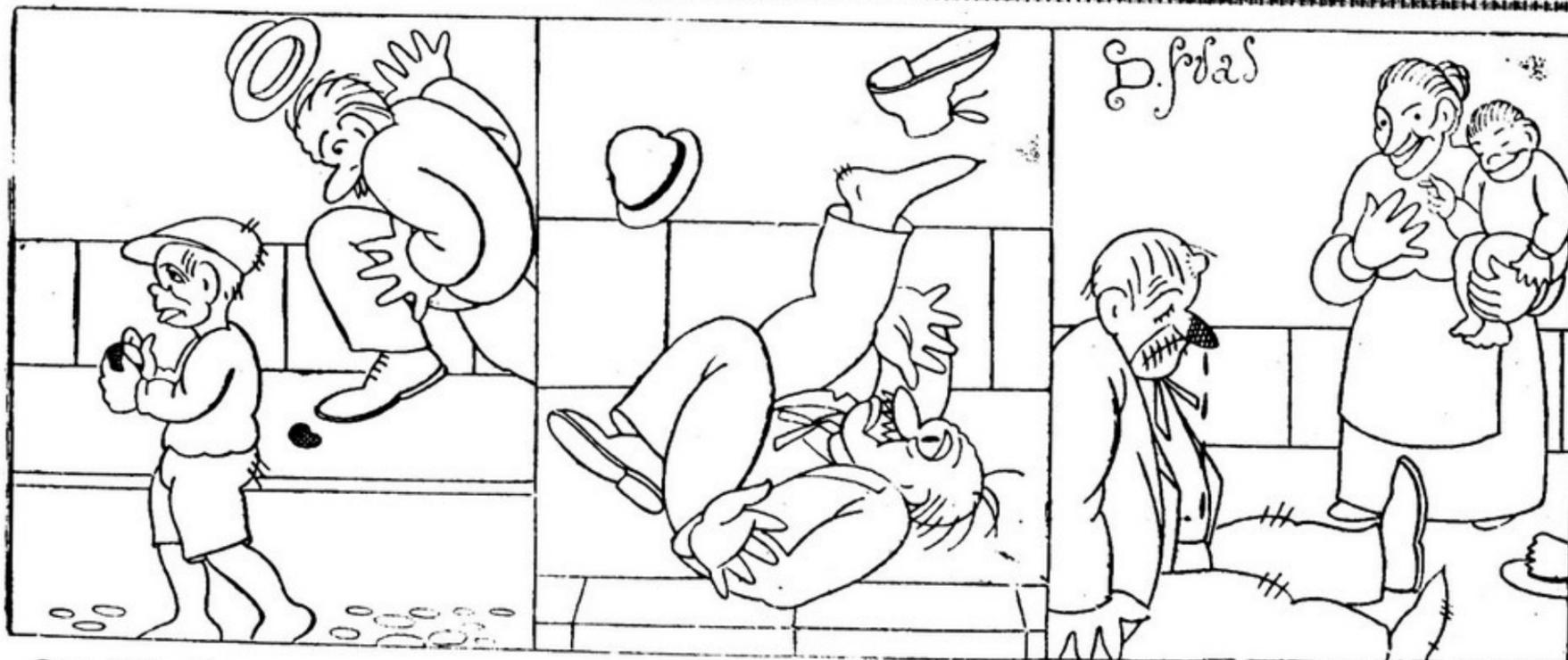
—Poder... pode... Mas eu vivo muito longe... Eu sou filho de Belas!

Bolas! A donzela ora macho! As pudicas saias amforadas e longas... eram calças campanudas... O *tailleur* um jaquetão... *Antoniotolado*...

Não, sr. Director. Isto não pode continuar assim... Seja pelo corto obrigatorio do cabelo, seja por meio de etiquetas berrantes, é preciso marcar em cada individuo, de forma bem visivel, a idade que tem e a que sexo pertence...

Muito affectuoso,

D. Juan da Silva Atrevido.



O sr. Celestino escorregou numa casca de laranja que um garoto arremessou ao chão... e zás...!!!

Traz!... paz... catrapaz. . Bum... Brrrum...

Bum... Brrrum!!! .
A mulher—Faça isso outra vez, que o menino gostou muito.



A aldeia dos macacos com rodas

O acontecimento desportivo mundial deste mês é o *Salon Automobile* de Paris.

O *Sempre Fixe*, dirigido por um *sportsman* como o Pedro Borda, com um passado automobilista, não podia alhear-se dum tal acontecimento.

E, imitando o *Diario de Noticias*, fomos a Paris, mas em espirito, para dar conta do que publicam as dezenas de revistas francesas da especialidade...

Como toda a gente sabe, nestas coisas de fabricar automoveis, ha duas escolas—a americana e a europeia.

Tendo progredido, cada uma para seu lado, chegaram este ano ao maximo previsto.

A maior maravilha da escola de aquem-Atlantico é um modelo francês com motor dum cilindro de dois decilitros de cilindrada, que, a 2.500.000 rotações por minuto, desenvolve 280 HP.

Consumo—um dedal aos cem kilometros.

Como se vê, é difficil ir mais além. Os unicos inconvenientes deste carro são: uma caixa com 32 velocidades—e o facto das velas darem a alma ao Criador de dois em dois minutos. Fora disso, é uma maravilha.

A escola americana, fiel aos seus principios, apresenta o tipo seguinte:

Motor de potencia desconhecida, 58 cilindros em linha, 124 litros de cilindrada—modelo Stuart... Carevalhas.

A caixa de velocidades comporta apenas uma—a *prise directa*. Quanto ao consumo—uma bagatela: vinte e um bidons de gasolina aos cincoenta metros.

Além destes dois tipos classicos, apparecem no *Salon* varias futuricas. Surgem automoveis com transmissão ás quatro rodas e transmissão ás rodas da frente.

Ford ainda faz melhor. O seu novo modelo não tem transmissão a roda nenhuma, o que suprime definitivamente qualquer velocidade, por mais pequena que seja—e acaba de vez com os accidentes.

O *Salon* deste ano sofreu uma invasão especial de senhoras. Mas umas senhoras que faziam tanta tenção de comprar um automovel—como nós...

Queriam vêr todos os motores, experimentar todos os assentos e faziam ronear todos os *klacons*.

Após terem *chateado* convenientemente os representantes, iam para o buffet tomar parte no concurso do consumo...

E, se aparecia algum estrangeiro com cara de milionario, facilmente lho permitiam verificar a *sculpture* das suas *condutas interiores*...

Além destas senhoras, o publico do

Salon compõe-se de outras senhoras, muitos homens, varias crianças e um comprador.

Trata-se, para os expositores, de descobrir este comprador, perdido na multidão como agulha em palheiro. Têm dez dias para realizar esta habilidade.

Para aumentar a difficuldade, os inventores deste jogo criaram o falso comprador.

Nada ha mais parecido com um comprador autentico do que um falso. Ambos se deixam capturar com a mesma facilidade. O vendedor, ancioso e cheio de esperanza, levanta o *capot*, mostra os cubultores, descobre as válvulas, que são o ultimo pro-

gresso da mecanica, toma as guias aos cavalos do motor, e fala, fala, fala...

O cliente escuta pensativamente. As explicações interessam-no. Parece seduzido, conquistado. Exige esclarecimentos:

—«Todos os automoveis tem velas? Não ha tambem com candieiros de petroleo?»

E quando o vendedor, já rouco, se cala—o cliente declara:

—«Feitas as contas, prefiro a minha bicicleta...»

Renault exhibe um novo modelo de seis cilindros a que deu o exquisito nome de *Monasix*.

O papão da temporada



Entradas de «leão» ... vamos a vêr as saídas ...

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa



GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações a preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina e accessorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, 6. G. B.

(ao Auco do Cego) Tel. 994 N.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582) & Estefania)

Supomos que, em português, isto quererá dizer:—*Sci's mãos*.

Vamos, pois, ter o Sebastião Teles e o José Aguiar a vender Aldeias dos Macacos com rodas.

Após o *Salon*, *Citroën* apresenta, em Portugal, uma novidade:—os seus carros passam a ser vendidos ás prestações, como as maquinas Singer.

Por cinco tostões por semana, talvez toda a gente compre um *Citroën*...

Surge, porém, um problema difficil, que preoccupa grandemente o Eduardo Rosa.

Pode muito bem succeder que, estando ainda o comprador em meio do pagamento—já o carro se lhe tenha acabado.

Crêmos que a solução será a seguinte:

Os compradores de automoveis, a prestações só os poderão tambem usar a prestações.

Sairão, nuns dias, com a parte posterior e os farois. Noutros, com o volante e travões. E ainda noutros, com a caixa de velocidades e os guardalamas. Etc., etc., etc.

E a proposito de automoveis:

João Ramos, o infatigavel representante do *Auburn*, vem encantado, não com o *Salon* de Paris, mas com o *Olympia* de Londres, de onde acaba de regressar.

João Ramos, que não é apenas um az do volante, mas tambem um bom garfo, conseguiu pappar um esplendido almoço ao *Essex*, na companhia de Sebastião Teles, a quem os *olimpicos* ingleses representantes do *Hudca* ofereceram um cartão de livre transito na exposição e até queriam pagar-lhe o hotel.

Esta *equipe* portuguesa de representantes de marcas americanas foi recebida em Londres principeseamente, o que não lhes acontece quando vão a Paris...

Recomeçou, no domingo, a tragedia do campeonato de Lisboa em *foot-boll*.

O *Bemfica* bateu copiosamente o *União*—donde se prova ser falso o ditado de que: *A União faz a força*.

Do *Belenenses* não se pode dizer que tenha tido um bom *sucesso*, antes pelo contrario...

O *Sporting* derrotou o *Carcavelinhos*. O *chocolate* ainda não está convenientemente apurado. Falta-lhe *leite*...

Quanto ao *Casa Pia*, corroborou as nossas previsões. O abandono da *equipe* de luto continua a dar os mais alegres resultados...

Rebola-A-Bola.

Coisas do nosso tempo



—Se continua a vir tão tarde para o escritório, vejo-me obrigado a despedil-a.
—Pois sim, despeça, que eu faço-lhe o mesmo...



—Já sabes dançar o Black-Bottom?
—Já.
—Quem te ensinou?
—A minha avó.



O caçador—Sim, eu a ave que prefiro é a galinha.
O abade—Eu então prefiro a Ave-Maria.



—Com que então ela é vegetariana?
—E'. Calcula que até só calça meias de seda vegetal.